

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

CELMA ELENA AGUIAR ALVES

**A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS SOBRE O OLHAR DAS
CRIANÇAS DE QUATRO E CINCO ANOS**

**BELO HORIZONTE
FACULDADE DE EDUCAÇÃO/UFMG
2013**

CELMA ELENA AGUIAR ALVES

**A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS SOBRE O OLHAR DAS
CRIANÇAS DE QUATRO E CINCO ANOS**

Monografia apresentada à faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Docência na Educação Infantil.

Orientador: Sandro Vinícius Sales dos Santos

BELO HORIZONTE
FACULDADE DE EDUCAÇÃO/UFMG
2013

Dedico este trabalho de conclusão de curso de pós-graduação para obtenção do título em Especialista em Docência na Educação Infantil ao meu esposo Márcio e aos meus filhos, Nayara Ingrid, Carolina Helena e Caio Lucas pelo incentivo, carinho e apoio dedicado a mim ao longo deste curso.

Agradeço a Deus pela minha vida, ao grupo de trabalho pelo companheirismo. Agradeço a instituição UFMG que possibilitou a realização deste trabalho. Agradeço ao meu orientador Sandro Vinicius Sales dos Santos, pela dedicação e paciência com que me orientou ao longo desta pesquisa.

“Contar histórias pode ser uma sinfonia. Desde que nesta sinfonia, orquestrada com palavras, entrem todos os instrumentos: do sopro da respiração, ao metal da voz; do dedilhar do corpo, ao ribombar do olhar”.

Celso Sisto

ALVES, Celma Elena Aguiar. A Contação de Histórias sobre o olhar das crianças de quatro e cinco anos. 2013. Trabalho de Conclusão de Curso – Especialização em Docência na Educação Infantil. Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais – Belo Horizonte, Minas Gerais, 2013.

RESUMO

Esta pesquisa tem como tema a contação de histórias na educação infantil. A escolha por essa temática surgiu a partir do meu envolvimento com o objeto de pesquisa. Nesse sentido, o estudo teve como objetivo geral, analisar a perspectiva das crianças sobre a prática de contação de histórias na educação infantil. O plano de Ação foi desenvolvido com uma turma do turno da manhã da UMEI Venda Nova e envolveu crianças com faixa de idade de 4 a 5 anos. Ao todo foram 20 crianças sendo 12 meninos e 8 meninas e duas professoras envolvidas na intervenção. Por se tratar de uma pesquisa que envolve crianças, tornou-se importante escolher os instrumentos de pesquisa para coleta de dados que possibilitasse perceber a perspectiva das mesmas sobre a contação de histórias. Serviram-me de instrumentos para a produção de dados: a observação e os registros audiovisuais das histórias contadas; entrevistas e conversas com as crianças e discussões com as professoras. A proposta de estudo permitiu perceber que as crianças demonstram entrar em contato com as histórias contadas na instituição a partir do conhecimento que elas possuem sobre as histórias, se gostam prestam atenção no conto; Cantam, bate palmas, imitam sons dos animais, ficam atentas às falas e as imagens, responde a pergunta feita ao personagem, pedem para repetir e dão sugestão para o final da história. Quando não são interessantes elas se mostram inquietas, desatentas e não assimilam as ideias do texto. As crianças demonstraram ao longo do projeto de intervenção, ter se apropriado desse momento, participando sempre que eram solicitados. Foi possível perceber que as professoras reconhecem a necessidade de se contar histórias para as crianças. E o benefício que as histórias trazem para os ouvintes como o incentivo a leitura, para alimentar e desenvolver a imaginação, para trabalhar emoções e conflitos. Esse momento possibilitou refletir sobre a prática de contação de histórias na educação, infantil mostrando ser um recurso que permite a criança enriquecerem suas experiências de maneira prazerosa.

Palavras-chave: Criança; contação de histórias; professor contador;

LISTA DE SIGLAS

LDB - A Lei de Diretrizes e Bases da Educação

MLPC - Movimento de Luta Pró Creches

PBH – Prefeitura Belo Horizonte

RCNEI - Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil

RME- Rede Municipal de Ensino

UMEI – Unidade Municipal Educação Infantil

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
a. O panorama atual da educação infantil no Brasil.....	10
b. O panorama atual da educação infantil em Belo Horizonte.....	11
1. APORTES TEÓRICOS E METODOLÓGICOS	14
1.1 Referencial teórico	15
1.1.1 Crianças e infância.....	15
1.1.2 Contação de histórias.....	16
1.1.3 A contação de histórias na Educação Infantil.....	18
1.2 Aspectos metodológicos	20
1.2.1 Abordagem de pesquisa.....	20
1.2.2 Desenvolvimento do plano de ação.....	22
1.2.3 Apresentação do campo da pesquisa.....	25
1.2.4 Apresentação dos sujeitos participantes da pesquisa.....	27
2. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS	29
2.1 O envolvimento das crianças com as histórias.....	30
2.2 As histórias de que as crianças gostam (e de quais elas não gostam).....	33
2.3 A prática cultural de contar histórias na perspectiva das professoras da instituição.....	35
3. CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	40

INTRODUÇÃO

Esta monografia tem como tema a contação de histórias no âmbito da educação infantil. Nesse sentido, o objeto de estudo a ser observado é a análise da perspectiva das crianças sobre a prática de contação de histórias no âmbito da instituição de educação infantil.

A escolha por essa temática surgiu a partir do meu envolvimento com o objeto como professora da educação infantil, que gosta de contar e ouvir histórias infantis. Diante disso, a pesquisa parte de algumas indagações, tais como: Qual o papel da contação de histórias na educação infantil? As crianças gostam desse momento? Sendo assim, a pergunta central desse trabalho se configurou da seguinte maneira: “Quais são as perspectivas das crianças de quatro e cinco anos sobre a contação de histórias”?

Como Abramovich (1997), acredito que a contação de histórias pode contribuir para o desenvolvimento de habilidades e o gosto pela leitura nas crianças da educação infantil, através desse momento que pode ser prazeroso para as crianças.

Desse modo, o estudo teve como objetivo geral, analisar a perspectiva das crianças sobre a prática de contação de histórias na educação infantil, e como objetivos específicos: perceber o envolvimento das crianças com as histórias contadas pela professora; analisar os tipos de histórias de que as crianças gostam (e de quais elas não gostam); além de possibilitar a reflexão e o debate sobre essa prática cultural no âmbito da educação infantil.

A pesquisa assumiu uma abordagem qualitativa, pois possuem caráter exploratório permitindo um estudo detalhado dos dados retratados, como opiniões e comentários dos entrevistados. Por se tratar de uma pesquisa que envolve crianças, tornou-se importante escolher os instrumentos de coleta de dados que possibilitassem perceber a perspectiva das mesmas sobre a contação de histórias.

Serviram-me de instrumentos para a produção de dados: a observação e os registros audiovisuais das histórias contadas; entrevistas e conversas com as crianças e professoras.

Para a realização deste plano de ação a instituição escolhida foi UMEI Venda Nova, com uma turma do turno da manhã e envolveu crianças com faixa de idade de 4 a 5 anos. Ao todo foram 20 crianças sendo 12 meninos e 8 meninas e duas professoras envolvidas na intervenção.

A pesquisa está dividida em três capítulos, no primeiro capítulo apresentarei o referencial teórico-metodológico com os aportes teóricos, crianças e infância, a contação de histórias, a contação de histórias na educação infantil, sendo estes temas diretamente ligados ao tema do trabalho monográfico.

O segundo capítulo aborda a análise e discussão dos dados mostrando o envolvimento das crianças com a contação de histórias na instituição infantil, as histórias de elas gostam e as que elas não gostam, Além de perceber a prática cultural de contar histórias na perspectiva das professoras da instituição.

Por último, apresento as considerações finais do trabalho apontando as descobertas do estudo, as novas questões que surgiram a partir da realização do plano de ação, assim como a possibilidade de avançar na compreensão e entendimento das formas como as crianças percebem aspectos relevantes referentes à sua educação.

Este trabalho de conclusão de curso foi de grande importância por acrescentar conhecimentos relevantes para minha formação acadêmica e profissional.

a. O panorama atual da educação infantil no Brasil

O processo de institucionalização da Educação Infantil surgiu a partir do novo papel da mulher na sociedade. Com o processo de industrialização no país, a mulher começa a ter uma maior inserção no mercado de trabalho causando o aumento na procura pelas instituições que cuidam de crianças pequenas. Segundo

As Proposições Curriculares para Educação Infantil (2013), inicialmente, as instituições infantis no Brasil estiveram vinculadas ao assistencialismo, com tempo isso foi mudando. A partir da década de 70, ocorreu um grande aumento de instituições destinado ao atendimento da infância em todas as classes.

Surgiram os jardins de infância, que por meio do setor privado eram voltados para as famílias de classe média e alta, e preparavam as crianças para o ensino fundamental. E as creches, eram destinadas as crianças de baixa renda, com o objetivo de possibilitar assistência e cuidados a criança enquanto suas mães trabalhavam. Essa distinção gerou um processo de estigmatização das creches e das pré-escolas, separando as classes sociais.

As mudanças que ocorreram marcaram a sociedade, com isso surgiram os movimentos pelo direito a educação e o reconhecimento da criança de zero a cinco anos como sujeito sócio-histórico e de direitos.

A constituição de 1988 reconhece como dever do estado e direito da criança ser atendida em creches e pré-escolas. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB 9.394/96) regulamenta a Educação Infantil, definindo-a como primeira etapa da Educação Básica e indicando como sua finalidade o desenvolvimento integral da criança de zero a seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade. Ainda no que se refere à legislação, são instituídas as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (Resolução CNE/CEB n. 1, de 07/04/1999), de caráter mandatário, a serem observadas na elaboração das propostas pedagógicas de cada estabelecimento.

Na década de 90 a criança agora como sujeito de direitos também é contemplada na lei Nº 8.069, de 13 de julho de 1990 que dispõe sobre Estatuto da Criança e do Adolescente, (ECA), reafirma o dever do Estado em assegurar as crianças de 0 a 6 anos o atendimento em creches e pré-escolas. A legislação avança com a promulgação da Lei 9.394/96 que inclui a Educação Infantil como primeira etapa da educação básica, ampliando assim a intencionalidade educativa para o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, abrangendo os aspectos físico, psicológico, intelectual e social. (LDB/96 art.29).

b. O panorama atual da educação infantil em Belo Horizonte

De acordo com as proposições curriculares para educação em Belo Horizonte inicia o atendimento a Educação Infantil em duas esferas, de uma lado o atendimento a criança de 0 a 2 anos era ofertado em creches comunitárias, filantrópicas e ou confessionais, de outro a rede municipal atendia apenas as crianças de 3 a 6 anos.

No final da década de 70 começaram a surgir às creches. Seu crescimento na década de 80 com finalidade assistencialista e emergencial diante da demanda social se deram de forma inadequada, sem materialidade, infraestrutura e profissionais capacitados. Muitas delas participavam de um sistema de co-financiamento, no qual através de convênios firmados com o município recebia verbas que supriam parte das despesas e manutenção. Neste período o Movimento de Luta Pró Creches (MLPC) foi instaurado com o objetivo de lutar pelos direitos da criança pequena ao acesso, permanência e ensino de qualidade.

Ainda segundo as Proposições Curriculares para Educação Infantil, o atendimento público à Educação Infantil na Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte iniciou-se em 1957, com a inauguração de seu primeiro Jardim de Infância: Jardim Municipal da Renascença. Até o início de 2004, em 47 anos de história, foram criadas mais doze escolas que atendiam exclusivamente a Educação Infantil, nas faixas etárias de três a seis anos de idade, em horário parcial. Havia também, as Escolas Municipais de Ensino Fundamental nas quais funcionavam turmas de Educação Infantil em função da obrigatoriedade do ensino a partir dos seis anos de idade. Não havia, portanto, garantia para a continuidade do atendimento à Educação Infantil nessas escolas, o que dificultava a articulação do trabalho com os outros ciclos.

A LDBEN definiu a Educação Infantil como responsabilidade do município, foi criada, através da Portaria nº. 056/2002, o Grupo de Trabalho da Secretaria Municipal de Educação, composto por representantes de diversas gerências da SMED, de outras instâncias da Prefeitura, de diretores e professores das Escolas

Municipais de Educação Infantil. A este grupo coube a difícil tarefa de elaborar e apresentar proposta de expansão e funcionamento da Educação Infantil da Rede Pública Municipal.

Educação Infantil na RME foi à criação das Unidades Municipais de Educação Infantil, que estariam vinculadas a uma escola municipal já existente e do cargo de Educador Infantil, através da Lei Municipal nº. 8.679/2003. O atendimento às crianças compreendia jornada integral para as turmas de faixa etária de zero a dois anos e jornada parcial para as turmas de faixa etária de três a cinco anos.

As Unidades Municipais de Educação (UMEI) começaram a funcionar no ano de 2004, todas foram arquitetadas para atender as especificidades e necessidades da criança pequena, que agora seria atendida desde o nascimento até os 6 anos em horários integral e parcial. Até o ano de 2012 foram construídas 61 Unidades

Diante da demanda do número de crianças necessitando de uma vaga em instituições em Belo Horizonte, foi necessário estabelecer critérios para a distribuição das vagas. Com a implantação das UMEIs, o atendimento público da Educação Infantil cresceu significativamente. Atualmente, há no município 67 UMEIs com previsão de entrega de mais 12 até o ano de 2014.

CAPÍTULO 1
APORTES TEÓRICOS E METODOLÓGICOS

1. APORTES TEÓRICOS E METODOLÓGICOS

1.1. REFERENCIAL TEÓRICO

1.1.1. Crianças e infância

A infância, como conhecemos, é uma invenção da modernidade, concebida através de uma evolução cultural e histórica.

Até os séculos XVII e XVIII, a criança era apenas a projeção do adulto em escala reduzida. As idades da vida correspondiam apenas a funções sociais, atividades delimitadas a partir do estado físico: idade dos brinquedos, da escola, do amor ou dos esportes, da corte, da cavalaria, e por último, a idade sedentária, dos homens de estudo (Áries, 1981).

A partir do final do século XVII, surge o que segundo Áries (1981), chama de “paparicação,” isto é, a criança começa a ser tratada como um pequeno brinquedo ou um animal de estimação usado para entreter os pais. Surge a ternura paternal e a responsabilidade do adulto pelo bem estar da criança.

Ainda, segundo Áries, (1981) a partir do fim do século XVII ocorrem mudanças que vão definir “o novo lugar assumido pelas crianças e as famílias em nossas sociedades industriais”. A escola passa substituir a aprendizagem como meio de educação e, a família passa ser o lugar da afeição, tanto entre os casais, como entre pais e filhos. A família passa então a se organizar em torno da criança.

“Entre os anos de 1830 e 1900, essa concepção mais positiva em relação á infância tornou-se ainda mais acentuada, passando-se a procurar prolongar e proteger esse estágio da vida marcado pela inocência dos “perigos” do mundo adulto”, sendo assim, as crianças passam a ser vistas como um ser social assumindo um papel central nas relações familiares e na sociedade. (ARIES, 1981, p.5)

De acordo com os Referencias Curriculares para Educação Infantil (RCNEI) a criança, como todo ser humano, é um sujeito social e histórico e faz parte de uma organização familiar que está inserida em uma sociedade, com uma determinada cultura e um determinado momento histórico. A criança é um ser lúdico que faz suas próprias construções através do brincar, do encenar, do estabelecimento de vínculos afetivos e de situações que tragam prazer, que colaboram na construção de suas ideias sobre o mundo e sobre as pessoas que as cercam e sobre si mesmo.

Segundo Gouvêa (2002), a criança possui sua singularidade que a caracteriza e a diferencia do outro. “A criança faz-se produtora e produto da cultura, informando suas experiências e partilhando valores sociais por meio das múltiplas linguagens”. A criança amplia o conceito de mundo através da estimulação de suas habilidades, acreditando que ela já possui a capacidade de adquirir o conhecimento, sendo um sujeito participativo e co-produtor na construção do conhecimento e de seu processo de desenvolvimento. (GOUVEA, 2002, p.112).

Estudos mais recentes como o de Monteiro e Carvalho que falam da pesquisa social e humana, destacando a ideia de “culturas infantis.” Considerando a capacidade das crianças de produzir cultura, sendo sujeitos ativos que merecem ser considerados em suas peculiaridades. Sendo assim as “culturas infantis” se constituem por um “conjunto de formas, significados, objetos, artefatos que conferem as crianças modos de compreensão do mundo”. (MONTEIRO E CARVALHO, 2011, p.635).

Sendo assim, o grande desafio da Educação Infantil e de seus profissionais consiste em compreender, conhecer, reconhecer e valorizar o jeito particular das crianças de ser e estar no mundo.

1.1.2. Contação de história

Para as crianças é muito importante ouvirem historia, pois essas experiências ficam registradas na memória e abrem caminhos para descobertas como a imaginação e criação, além da melhor compreensão do mundo. Segundo, Abramovich, (1997), é muito importante contar histórias para crianças, pois através

delas estará se dando o início para se tornarem futuros leitores além de ser um caminho de infinitas descobertas.

Contar histórias para crianças é como brincar com as palavras, através dela se desenvolve a oralidade e é possível descobrir a riqueza da comunicação contar histórias é uma arte. Para Abramovich, (1997), as histórias são contadas para as crianças por várias pessoas. Os (as) pequenos (as), quando participam dessa prática cultural, têm a possibilidade de ter o primeiro contato com o conto ou com a leitura através da voz da mãe, da avó, contando histórias inventadas ou recontadas, que eles já ouviram, seja um conto de fada, ou um trecho bíblico, transmitindo através dos personagens, momentos para desenvolver a imaginação. De acordo com a autora:

Ler histórias para crianças, sempre, sempre... É poder sorrir rir, gargalhar com situações vividas pelas personagens, com ideia do conto ou do jeito de escrever dum autor e, então, poder ser um pouco cúmplice desse momento de humor, de brincadeira, de divertimento. É ainda suscitar o imaginário, é ter a curiosidade respondida em relação a tantas perguntas, é encontrar outras ideias para solucionar questões (como as personagens fizeram...). (ABRAMOVICH, 1997, p.17).

As histórias são capazes de despertar na criança vários sentimentos como alegria, medo, pavor, insegurança e tantos outros. E através das narrativas as crianças podem viver profundamente essas emoções, compreende-las, elaborá-las e reelaborá-las. Ainda para Abramovich, (1997). “O ouvir histórias pode estimular o desenhar, o musicar, o sair, o ficar, o pensar, o teatrar, o imaginar, o brincar, o ver o livro, o escrever, o querer ouvir de novo a mesma história outra vez”. Afinal, tudo pode nascer num texto. (ABRAMOVICH, 1997, p. 23). Nos dizeres da autora:

Ouvir histórias é viver um momento de gostosura, de prazer, de divertimento dos melhores... É encantamento, maravilhamento, sedução... O livro da criança que ainda não lê é a história contada. E ela é ampliada de referenciais, poetura colocada, inquietude, torcida desenfreada, suspense a ser resolvido, torcida desenfreada, saudades sentidas, lembranças ressuscitadas, caminhos novos apontados, sorriso gargalhado, belezuras e mil maravilhas mais que uma boa história provoca... (desde que seja boa). (ABRAMOVICH, 1997, p.24)

É por meio da linguagem que a criança aprende a língua materna, estabelecendo contato com o mundo no qual está inserido e constrói sentidos e significados para suas vidas. A criança pode conhecer outras culturas e modos de viver diferentes, sem ter que passar pela experiência real, “simplesmente se baseando em relatos de viajantes, ou em livros”, conforme sugere o Referencial Curricular Nacional Para Educação Infantil:

A criança tem acesso a mundos distantes e imaginários. As histórias que compõem o repertório infantil tradicional são inesgotável fonte de informações culturais, as quais se somam a sua vivência concreta. O Saci Pererê pode ser, por exemplo, uma personagem cujas aventuras façam parte da vida da criança sem que exista concretamente na realidade. (BRASIL, 1998, p.43).

Para Coelho (1999) As crianças na faixa etária de quatro e cinco anos encontram-se na fase mágica, quando sua imaginação torna-se criadora, é a fase do conte outra vez, na fase mágica elas gostam de escutar muitas vezes a mesma história, reconhecendo e se identificando com os elementos do conto. Afirma Coelho (1999), da primeira vez tudo é novidade, nas seguintes, já sabendo o que vai acontecer à criança pode se identificar mais ainda, apreciando os detalhes. Igual reação pode acontecer com o adulto ao ler um bom livro ou assistir a um filme que lhe agrade. Relê. Revê. O prazer se renova (COELHO 1999, p.16).

Segundo Sisto (2012) a palavra tem poder de evocar imagens e contar histórias para as crianças dá a elas espaços para o pensamento mágicos. E “contar histórias hoje significa salvar o mundo imaginário.” (SISTO, 2012 p. 32).

Ainda segundo, Carvalho, (2007), é possível afirmar que a contação de histórias potencializa o contato da criança com a literatura infantil e o livro é um aliado da criança para conhecer o mundo. “Além disso, a contação de histórias proporciona, também, momentos de aconchego e afeto.” A criança descobre o mundo da magia através das histórias , pode-se dizer que isso acontece quando contamos, lemos as histórias para as crianças (CARVALHO, 2007, p.174).

1.1.3. A Contação de história na Educação Infantil

É importante que o professor, oportunize as crianças momentos de interação com livros de histórias diariamente, pois segundo Coelho (1997), “a formação do pequeno leitor deve começar bem cedo, e prosseguir em gradativo aprofundamento, até o final de seu ciclo de estudo na escola” (Coelho, 1997 p. 15). Disso depende seu convívio essencial com o livro e com as histórias contadas, para continuar fecundo pela vida toda. A escola é hoje um espaço privilegiado, onde deverão ser lançadas as bases para a formação do indivíduo. “E, nesse espaço, privilegamos os estudos literários, pois, de maneira mais abrangente do que qualquer outros, eles estimulam o exercício da mente, a percepção do real em suas múltiplas significação, a consciência do eu em relação ao outro”, (COELHO, 1997 p.15).

Bamberger, (1987), defende que a pessoa que tem o hábito de ler possui maior capacidade de compreensão e crítica ao que lê. “A leitura é um dos meios mais eficazes de desenvolvimento sistemático da linguagem da personalidade”. E os livros infantis são fundamentais para o ensino da leitura, estes quando causa interesse na criança ela o lê rapidamente. “Um bom leitor não somente encontra maior prazer nos livros, mas também pode pensar e aprender melhor.” (BAMBERGER, 1987 p.29).

Aparecida e Soares (2008) nos dizem que o contato das crianças com os livros, proporciona desenvolver uma interação entre leitor-autor, pela mediação do texto e os mediadores que interpõem entre o livro podem ser a família e, sobretudo a escola, em que os professores escolhem o que se ler para criança, a hora e o tempo de leitura. Sendo assim, “a ação desses livros no imaginário da criança e sua potencialidade na formação de novos leitores nos levam a refletir sobre os lugares que a literatura vai ganhando dentro do espaço escolar.” (APARECIDA E SOARES, 2008, p. 10).

Para Riter, (2009), a função de formar leitores é da escola, e que cabe ao professor despertar esse interesse em seus alunos fazendo com que eles se sintam maravilhados e para tal, “o professor, antes de tudo, será também um apaixonado pela leitura”.

Cabe aos professores despertar em seus alunos a capacidade de maravilhamento com uma rima, com uma construção de frase, com a beleza

que as palavras, muitas vezes recriadas ou usadas num sentido não literal, podem proporcionar a formação do leitor. (RITER, 2009, p.7)

Para Sisto (2012), o professor que quer desenvolver o gosto pela leitura no seu aluno, deve ser um professor leitor. E afirma que o “professor deve gostar de ler, falar com entusiasmo e emoção das suas leituras.” em suma. Investigar a sua história de leitura. Existe uma relação direta e intrínseca entre o professor-leitor e o professor agente de leitura. O professor para se tornar eficaz agente de leitura, tem que ser, antes de tudo, um grande leitor. (SISTO, 2012, p.89).

Para Zilberman, (2006), o professor de educação infantil interessado em possibilitar aprendizagens significativas pode favorecer maior contato da criança com os livros. “A primeira medida a ser tomada pelo professor é, portanto, colocar os livros ao alcance dos alunos em sala de aula”, segundo Zilberman (2006) essa aproximação entre livro e leitor motiva o interesse da criança e induz a leitura mesmo sem serem alfabetizadas. E ressalta que.

O leitor iniciante não tem idade: e cada fase de sua vida é um bom momento para levá-lo a gostar de livros de ficção, pois as histórias estimulam seu imaginário, fortalecem sua identidade, ajudam-no a pensar melhor e a resolver problemas. (ZILBERMAN, 2006 p. 23)

Os professores são responsáveis por estimular a construção de conhecimentos, e a contação de histórias pode ser um aliado ao trabalho pedagógico, Carvalho (2007) nos diz que o professor contador deve se preocupar com a qualidade literária do que se lê, além de ser um leitor. O professor deve fazer uma leitura prévia do texto ou da história que irá contar para as crianças, dando mais atenção à inteligibilidade e a riqueza das ilustrações, “ele permite as crianças a construírem sentido de curiosidade pelo livro”. (RECNEI, 1998.p.135).

Para Sisto, (2012) o professor deve buscar formação continuada para se tornar um bom leitor e um contador de histórias, para despertar nas crianças o gosto pela leitura e que o processo pedagógico de toda escola será enriquecido com a prática de contação de histórias, “bem como propiciará a inserção do sujeito à realidade mais ampla do mundo”. (SISTO, 2012, p.12).

1.2. Aspectos metodológicos

1.2.1. Abordagem de pesquisa;

A importância da pesquisa surge a partir do desejo de refletir sobre questões que foram surgindo ao longo desse percurso acadêmico. Para Barros (2000), pesquisar significa realizar empreendimentos para descobrir, para conhecer algo. As pesquisas devem contribuir para uma formação de uma consciência crítica ou um espírito científico no pesquisador. Através da pesquisa, chega-se um conhecimento novo ou totalmente novo, isto é, o pesquisador pode aprender algo que ignorava anteriormente, porém já conhecido por outro, ou chegar a dados desconhecidos por todos. Pela pesquisa chega-se a uma maior precisão teórica sobre os fenômenos ou problemas da realidade. (BARROS, 2000, p.67).

A pesquisa ora apresentada fundamentou-se na abordagem qualitativa, pois possuem caráter exploratório permitindo um estudo detalhado dos dados retratados, como opiniões e comentários dos entrevistados.

A importância da pesquisa qualitativa está em seus aspectos descritivos, além de considerar, a subjetividade e particularidade de cada um dos envolvidos. Para Minayo a pesquisa qualitativa, “se preocupa, nas ciências sociais, como um nível de realidade que não pode ser quantificado.” A pesquisa qualitativa tenta compreender suas relações através das crenças, valores e subjetividade e particularidades dos indivíduos (Minayo1996, p.24).

Os instrumentos utilizados inicialmente para coleta de dados foram à observação, registros audiovisuais das histórias contadas, entrevistas e discussões com as professoras.

Segundo, Fraser e Gondim (2004), a entrevista tem grande importância por ser considerada uma das mais importantes técnicas de pesquisa social, que valoriza o uso das palavras. A entrevista na pesquisa qualitativa privilegia os atores sociais, “o que permite atingir um nível de compreensão da realidade humana que se torna acessível por meio de discursos,” cujo objetivo é conhecer como pensam os entrevistados. (FRASER E GONDIM, 2004, p.140).

A observação, segundo os autores, consiste em observar o objeto de pesquisa, e suas condições. “Durante a observação são registrados dados visíveis e de interesse da pesquisa”. Os resultados podem ser melhorados após a observação do vídeo-gravação. “Através da filmagem podemos captar sons e imagens que reduzem muitos aspectos que podem interferir na fidedignidade da coleta dos dados observados” (Cadernos de Educação | FAE/PPGE/UFPEL, 2008.p 191, 192)

Todos os sujeitos participantes assinaram um termo de consentimento livre e esclarecido, sendo que no caso das crianças, seus pais e familiares assinaram uma autorização para a participação, dos (as) pequenos (as). Explicamos aos pais que as observações, as entrevistas, e as imagens das crianças seriam usadas apenas para fins de estudo e que, no caso das entrevistas, a identidade das crianças seria preservada com a adoção de pseudônimos para os participantes (crianças e adultos).

1.2.2. Desenvolvimento do plano de ação

Esta seção objetiva descrever o desenvolvimento do projeto de intervenção realizado com uma turma da educação infantil e suas respectivas professoras.

Este Plano de Ação foi desenvolvido com uma turma do turno da manhã da UMEI Venda Nova e envolveu crianças com faixa de idade de quatro a cinco anos. Ao todo foram vinte crianças sendo: doze meninos e oito meninas e duas professoras envolvidas na intervenção.

A proposta de intervenção¹ foi feita inicialmente para a coordenadora da escola, que gostou muito, e logo após foi apresentada à professora da sala, que me recebeu muito bem. Ela me apresentou as crianças dizendo que eu iria contar histórias para eles por alguns dias. Conversei com as crianças falei do trabalho que iria fazer com eles, perguntei se poderia filmar e fotografar. Conversei com alguns

¹ Quando iniciei a especialização, trabalhava na rede municipal de Ribeirão das Neves. Porém, no período de realização da especialização, fui chamada para um novo cargo público de professor de educação infantil agora no município de Belo Horizonte, exonerando do cargo anterior. Com isso, a pesquisa teve de ser refeita nessa nova instituição.

pais pedindo autorização para fazer essa pesquisa com as crianças, e alguns pais me deram o retorno positivo.

Então ficou combinado que as rodas de contação de histórias seriam sempre depois do almoço das crianças, enquanto elas aguardavam os pais para buscá-las. A professora da sala me disse que sempre conta histórias para eles no início da aula, ou seja, eles já estão habituados a ouvir histórias na escola, e no kit escolar também vêm alguns livros para serem lidos (ou contados) pelos pais.

A escolha das histórias, para o plano de ação, foi feita cuidadosamente, com uma preparação prévia da leitura e escolha dos materiais a ser usado, para haver uma aproximação da criança com as histórias adequadas a faixa etária. Foram selecionadas seis histórias, a saber: Dona Baratinha, A Galinha Ruiva, Os três Porquinhos, A coca, A Galinha e a Linha, Menina Bonita do Laço de Fita. A escolha dessas histórias se deu em função de eu já possuir os materiais, como, livro, fantoches, livro seriado, livrão, além do gosto pessoal pelas histórias. Segundo Coelho, (1999) o narrador apenas empresta sua voz, dando vida à história recria o texto sem as limitações impostas pela escrita. “As histórias são que sugerem o melhor recurso de apresentação”, inclusive algumas interferências feitas pela narradora. (COELHO, 1999, p.14).

Conforme aponta Coelho, (1999), as histórias podem ser lidas ou contadas e cada uma pode ser desenvolvida com um recurso. Então eu utilizei três recursos para contar as histórias escolhidas. Algumas histórias foram contadas com o auxílio de fantoches dos personagens, que segundo Coelho, (1999) é a simples narrativa, o mais antigo modo de se contar uma história, pois o narrador só precisa do recurso da voz e da expressão corporal. A história é contada de memória e por isso permite alguns deslizes como gaguejar, ou trocar os nomes dos personagens, isso aconteceu comigo várias vezes, e as crianças sempre atentas me corrigiam.

Em outras o recurso utilizado foi a simples narrativa com o auxílio do livro. Para esse recurso é preciso o exemplar para contar a história, pois as ilustrações complementam o texto e ajuda as crianças a montar uma sequência textual. Para a história da menina bonita do laço de fita, o recurso utilizado foi à simples narrativa com auxílio do livro, que segundo Coelho (1999), contar histórias com o auxílio do livro incentiva a leitura e desenvolve a sequência lógica. E completa que o livro deve ser mostrado lentamente com a mão direita, enquanto a esquerda sustenta a

parte inferior do livro, aberto de frente para o público, essa técnica favorece o narrador inexperiente.

Outro recurso utilizado foi o livrão que é a simples narrativa com o auxílio de gravuras ampliadas e coladas à cartolina, as crianças gostam muito do livrão, que não é encadernado e tem no verso da cartolina a história escrita para auxiliar o contador no momento do conto. Segundo Coelho (1999), a contação de histórias pode acontecer de diversas maneiras e com uso de diversos recursos, o importante é diversificar para enriquecer essa atividade e prender a atenção das crianças.

Em todas as contações de histórias, as crianças estavam sempre atentas às imagens apresentadas, participando e trazendo suas versões e conhecimentos, contribuindo para tornar esse momento ainda mais significativo para elas. Em alguns momentos algumas crianças se dispersaram com outras coisas, depois voltavam sua atenção à história. Das histórias contadas, a dos Três Porquinhos foi a mais conhecida pelas crianças, talvez por ser um conto mais popular nas escolas e na televisão, ele participaram do conto dramatizando a história, com fala que eu não conhecia nem as outras crianças, o que enriqueceu muito a história do dia.

As crianças se apropriaram desse momento, que ao perceber a chegada da professora na sala, já se organizavam no chão ou nas cadeiras e iam logo cantando: “história, história, agora, agora”. Ou seja, elas se envolveram e demonstraram interesse pelas histórias fazendo comentários e interagindo de algum modo com o conto. Prestavam atenção no conto; Cantavam as músicas, imitavam alguns sons dos animais, ficavam atentas às falas e as imagens, respondiam as perguntas feitas sobre as personagens, pediam para repetir a história do dia anterior, e davam sugestões para o final das histórias.

No segundo momento aconteceram às entrevistas com as crianças sendo uma coletiva e uma individual. A entrevista coletiva aconteceu após a última sessão de contação de história. Ao serem perguntados, se gostavam de ouvir histórias, todos levantaram as mãos dizendo que sim. Qual das histórias contadas na sala eles gostaram mais? Foi uma confusão de respostas, 7 crianças gostaram da história da dona baratinha, 3 crianças gostaram da galinha ruiva, 9 crianças gostaram dos três porquinhos, 3 gostaram da menina bonita do laço de fita 3 crianças disseram que gostaram de todas, 3 crianças gostaram da galinha e a linha

3 gostaram da história da Coca. Alguns levantaram a mão só porque o outro levantou.

Para a entrevista individual que aconteceu no dia 10/10/2013 foram escolhidas cinco crianças, pois algumas não queriam falar. Conversei com aquelas que participaram mais durante as sessões de contação de histórias na sala de aula e que aceitaram conversar comigo.

1.2.3. Apresentação do campo da pesquisa

A unidade municipal educação infantil (UMEI), Venda Nova, está localizada na região de Venda Nova, próximo à estação final do metrô, Vilarinho. A instituição possui 11 turmas abrangendo a faixa etária de zero a cinco anos de idade. As turmas são heterogêneas, possui uma sala para os bebês com 12 crianças de zero a um anos de idade, uma sala de um ano com 12 crianças uma sala de dois com 16 crianças, que ficam o horário integral, cinco turma no turno da manhã de três e quatro anos, seis turmas no turno da tarde, três, quatro e cinco anos de idade. Tais informações foram obtidas através da secretaria e da coordenadora da escola² A escola ainda não possui o PPP, mas está sendo construído aos poucos pela comunidade escolar. A escola atende a população de Venda Nova e região de nível socioeconômico baixo, pois 70% das vagas estão destina as pessoas com vulnerabilidade social às outras vagas é feita através de sorteio.

A escola foi inaugurada no dia 31/08/2013 recebendo crianças a partir do dia 02/09/2013, atualmente a escola atende aproximadamente 260 crianças ao todo com aproximadamente 100 crianças no turno da manhã e 120 no turno da tarde e 40 crianças no horário integral com crianças de 0 a 3 anos de idade. A escola conta com quadro de 39 professores, sendo todas habilitadas para o cargo, somente uma professora possui só o magistério, duas professoras estão terminando o curso de pedagogia, e as outras professoras possui curso superior em pedagogia ou normal superior, das 39 professoras 19 possui curso pós-graduação. A maior parte delas

² Por se tratar de uma instituição inaugurada este ano, a UMEI Venda Nova não possui uma versão escrita do Projeto Político Pedagógico, pois, o mesmo está sendo elaborado pela equipe de profissionais da instituição. Com isso, os dados foram coletados na secretaria da instituição e com a coordenadora pedagógica.

trabalham em outro turno em outras UMEIs, ou na mesma escola. A coordenadora, e a vice-diretora, trabalham o dia todo na escola, e possuem curso superior e pós-graduação. A UMEI também dispõe de quatro cozinheiras, quatro auxiliares de limpeza, dois porteiros, e três acompanhantes de inclusão.

O espaço físico da escola envolve um pátio, parquinho, um refeitório, uma cozinha, dois banheiros para os meninos e dois para as meninas, sala de professores com dois banheiros, uma sala conhecida como multifuncional, uma sala de direção e coordenação, uma secretaria. A escola não possui uma biblioteca, um espaço privilegiado para incentivar futuros leitores. Apesar de não ser uma proposta da PBH para as UMEIs, percebemos os esforços dos profissionais em organizar um espaço para leitura, como o cantinho de leitura onde são expostos os livros e revistas em prateleiras baixas para facilitar o acesso das crianças, um tapete colorido e almofadas para o conforto das crianças. Sendo também um lugar para o professor contar histórias em outro ambiente que não seja sala de aula.

A proposta pedagógica da UMEI Venda Nova está sendo construída devido o pouco tempo de existência, mas as práticas que ali se desencadeiam têm como centro do processo a criança. Buscando articular as normas e os princípios pedagógicos, para garantir um bom padrão de qualidade e excelência no ensino. Para atender e proporcionar as crianças situações que desenvolva capacidades necessárias para sua infância, faz uso das diversas linguagens (corporal, musical, matemática, plástica, oral e escrita). Além de estarem atentas as suas formas de comunicação e expressão, compreender seus desejos, sentimentos, suas ideias e suas necessidades estabelecendo vínculos afetivos que fortalece a autoestima e aumenta a interação entre professores e crianças.

1.2.4. Apresentação dos sujeitos participantes da pesquisa

A turma na qual o estudo foi desenvolvido é constituída de vinte crianças sendo oito meninas e doze meninos com idade entre quatro e cinco anos. Essas crianças frequentam a instituição cotidianamente no turno da manhã. Essas crianças

moram nos bairros próximos à UMEI Venda Nova não necessitando transporte escolar, conforme percebemos no quadro a seguir:

<i>BAIRRO EM QUE AS CRIANÇAS RESIDEM</i>	
<i>Bairro</i>	<i>Número de crianças residentes</i>
Nova Letícia	1
Santa Mônica	1
Serra Verde	2
Venda Nova	3
São Pedro	1
São João Batista	3
Céu Azul	1
Nova York	1
Letícia	2
Parque São Pedro	1
Minas Caixa	2
Luar de Minas	1
Santa Branca	1

Tabela 1: Bairro que as crianças moram

São crianças que em sua maioria, têm acesso aos meios de comunicação como televisão e computador, possuem livros de literatura em casa e brinquedos. As crianças são bem tranquilas se adaptaram fácil à rotina da escola que explora muito o lúdico o brinquedo e as brincadeiras, são crianças bem cuidadas, os pais sempre estão presentes nas reuniões e se importam com o que às crianças aprendem na escola. Eles gostam de brincar ouvir histórias cantar e dançar, são muito participativas, e interage facilmente com a contação de histórias.

CAPÍTULO 2
ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

2. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

2.1. O envolvimento das crianças com as histórias

No âmbito de realização deste estudo, foi possível perceber o envolvimento das crianças com as histórias contadas na escola. No período de realização da intervenção, que se estendeu do dia 27/09 ao dia 08/10, as histórias contadas foram, Dona Baratinha, A Galinha Ruiva, Os três Porquinhos, A coca, A Galinha e a Linha, Menina Bonita do Laço de Fita.

Pude perceber que as crianças se envolveram com os contos, participando sempre que eram solicitadas, com música, gestos e dramatização e palmas. Alguns comentários das crianças são relevantes, para demonstrar que elas se envolveram no momento do conto. Na seção de contação de história cuja narrativa era a dos três porquinhos, Ana, por exemplo, falou que *“o lobo não vai derrubar a casa de pedra”*, Pedro disse na mesma seção de contação de histórias que *“o lobo vai subir pela chaminé”*, Maria disse que *“o lobo vai cair na panela com fogo”*. Já no caso de Lucas, este disse que *“o lobo nunca mais vai voltar na casa dos porquinhos”*, e mais precisamente no dia da história da Dona Baratinha, esse menino disse que *“eu adoro caldo de feijão, que o rato voltou para comer o caldo, que rato caiu na panela de caldo de feijão, a baratinha deve se casar o baratão”*.

As crianças estavam sempre atentas às histórias e as imagens, apresentadas participando e trazendo suas versões e conhecimentos, contribuindo para tornar esse momento ainda mais significativo para elas. Em alguns momentos algumas crianças se dispersaram com outras coisas, depois voltavam sua atenção à história.

Das histórias contadas, a dos Três Porquinhos foi a mais conhecida pelas crianças, e nesse sentido, foi à história na qual elas mais participaram e interagiram. Isso se deu pelo fato de essa história ser um conto mais popular nas escolas e na televisão, ou seja, pelo fato de esse conto ser utilizado como um produto cultural destinados às crianças já há algum tempo. É comum vermos um grande número de

artigos com as imagens dos três porquinhos que se destinam às crianças na atualidade. Desde uma animação até toalhas de banho, passando por brinquedos e roupas assim como demais artigos infantis.

As crianças participaram dos contos dramatizando as histórias (umas mais, outras menos), acrescentando falas que eu mesmo não conhecia nem as outras crianças, o que enriqueceu muito a história do dia e que, demonstra, em certo sentido, a capacidade das crianças de não só reproduzir a cultura adulta, mas também de produzi-la de modo inovador assim como aponta Gouveia (2002). Alguns comentários das crianças, como por exemplo, o de João que na seção dos três porquinhos cantou em uma das músicas da história que “entrar nessa casa nem pensar”. Essa atitude do menino demonstra que ele conhecia outras versões da história ou que gostaria de reinventá-la ao seu modo.

Do mesmo modo que João, quando chegava à parte da história em que a trama se desenrolava, que especificamente se mantinha nos momentos em que o lobo se colocava a derrubar a casa de palha e a de madeira, uma menina que até então tinha participado pouco da contação me corrigiu quando chegou à casa de tijolo. Ela me disse que a casa não era de tijolos e sim de pedra. Assim como o Pedro comentou que “a casa dele é forte a de palha não”. Esses exemplos demonstram como as crianças não são apenas meros consumidores das histórias, mas que igualmente, elas são capazes de interagir com as histórias e com a contadora de modo a buscar ressignificar os contos.

Na medida em que o plano de intervenção ia se desenrolando as crianças demonstravam alegria e empolgação, ao perceber a chegada da professora contadora na sala de aula. Logo que ia me aproximando das crianças, elas se organizavam no chão, cantando e batendo palmas. Essa afirmação ganha contorno mais definido no episódio a seguir:

A história de hoje foi os três porquinhos, tema escolhido pelo fato de eu gostar da história ter os fantoches dos personagens, e ser mais fácil para fazer a dramatização da história com as crianças. Eu queria que as crianças participassem da história. Então quando cheguei na sala e eles já sabiam que eu estava lá era para contar histórias e queriam saber logo qual seria a narrativa de hoje. Eles se organizaram se sentando no chão, já cantando história, história, agora, agora, falei pra eles qual seria a história, mostrei os personagens e perguntei quem queria participar do teatro, muitos se levantaram, e eu dividir os personagens entre eles, os que iam participar ficaram de pé, os outros se sentaram.

Ensinei a eles a música dos porquinhos, todos já sabiam cantar “quem tem medo do mau lobo mau lobo mau”. Eu comecei a narrar à história, e eles foram encenando as cenas do jeito deles, fazendo os gestos dos porquinhos e do lobo, um menino trouxe uma fala nova para os porquinhos, que eu não conhecia “entrar nessa casa nem pensar”, mostrando conhecer outras versões da história, ao derrubar a casa de palha a de madeira e quando chegou à casa de tijolo, uma menina me corrigiu de “pedra” e o Pedro comentou a casa dele é forte a de palha não. Os três meninos ficaram junto à casa de pedra, João disse que o lobo subiu pela chaminé e caiu na panela com água quente, Maria disse que o lobo falou não venho nessa casa desses porquinhos nunca mais, e lobo saiu pela floresta gritando ai minha bunda ta doendo, e os meninos ficaram cantando a música dos porquinhos quem tem medo do lobo mau, lobo mau, lobo maus.

Eu me atrapalhei com os nomes dos porquinhos, com a casa de tijolos, mas não atrapalhou o teatrinho dos meninos, que ficaram contentes em participar da história, no final da história todos aplaudiram e disseram que gostaram muito, perguntei de quais histórias eles gostaram mais, João gostou da dona baratinha, Pedro gostou dos três porquinhos, Maria e Ana gostaram de todos.

A contação de história durou 20 minutos com 17 alunos, 8 crianças participaram do teatrinho e as outras participaram com as músicas, eles puderam se expressar e colocar sua voz na história, demonstrando conhecimentos prévios sobre a história contada e até outras versões.

Agora quando eles me vêm na escola já perguntam se hoje vai ter história, pedem para repetir as outras que já contei, eles estão gostando muito desse momento (registro das observações em campo - 03/10/2013).

Ao final das histórias, as crianças sempre pediam para repetir e, em dado momento da intervenção elas começaram a pedir para que elas mesmas fizessem o relato ou a dramatização das histórias. Mas se as histórias não lhes interessavam ou se a seção de contação de histórias não fosse bem realizada, isto é, não fossem envolvente, elas ficavam desatentas e ou desinteressadas, não prestando atenção na narrativa, como percebemos no episódio apresentado a seguir:

A história de hoje foi contada pela professora de projeto que estava com a turma nesse momento, e se propôs a ajudar nesse projeto. Nesse dia havia 12 crianças, era 10h00min e o almoço seria 10h20min. Quando cheguei, ela já tinha organizado as crianças no cantinho de leitura que fica em outro espaço fora da sala de aula, o espaço é organizado para as crianças entrar em contato com livros e revistas acompanhados pela professora em alguns momentos, como a hora do conto.

Combinamos que ela iria fazer a contação de história e eu iria registrar. Ela começou conversando com eles dizendo qual seria a história, perguntou se eles conheciam, eles disseram que não, mas quando ela começou a contar alguns se lembraram que já tinham ouvido. Porém, foi difícil prender a atenção das crianças para ouvir a história, alguns meninos começaram a se distrair com as revistas que estavam ali, havia muita conversa de pessoas que estavam passando, e com isto eles não prestaram a atenção na história.

Algumas crianças estavam interessadas em ouvir a histórias e outras não conseguiam ficar sentadas nem ouvir, essa história possui uma sequência e

requer muita atenção dos ouvintes. A professora teve que parar de contar várias vezes para chamar a atenção dos meninos e para colocar alguns perto dela (registro das observações em campo 07/10/2013).

Penso que vários são os fatores que contribuíram para mudança de comportamento das crianças nessa seção de contação de histórias: o primeiro deles é a mudança de ambiente o que não possibilitou a contação de história, nesse dia, devido o barulho e outros atrativos para as crianças como livros e revistas, e pessoas passando. Outro aspecto relevante foi à falta de jeito da professora ao contar a história das crianças, pois, ela não apresentou nenhum recurso auxiliar para fixar a atenção das crianças, tal qual sugere Abramovich (1997).

Foi perceptível o gosto que as crianças demonstraram pelas vivências culturais envolvendo a contação de histórias realizadas na escola. E essa percepção se deu, do meu ponto de vista, muitas vezes pela via das linguagens verbais (os comentários, os pedidos para eu ir à sala contar histórias, dentre outros) como também pela via das linguagens não verbais (Através das expressões, dos corpos e de sorrisos e gargalhadas).

As entrevistas realizadas com os (as) pequenos (as) mostraram que as crianças gostam desse momento de contação de histórias na escola, e em casa, mesmo tendo alguns pais não possuir o hábito de contar histórias para seus filhos, deixando esse contato com os livros e com as histórias a cargo da escola com as professoras.

Percebe-se ainda que a família inteira promove esse momento de leitura com as crianças, ou seja, essa prática cultural não é realizada somente pela mãe, mas também pela avó, ou irmã e que os momentos de contar história são variados, podendo acontecer à tarde ou à noite.

2.2. As histórias de que as crianças gostam (e de quais elas não gostam)

Ao serem perguntados que tipos de histórias gostam de ouvir, e que tipos não gostam. Eles responderam gosto da Baratinha, da Galinha, do Lobo, de Fada, Três

Porquinhos, Princesa, Chapeuzinho Vermelho. E a história que vocês não gostam chapeuzinho vermelho, não gosto da bruxa, da galinha, de terror, do ladrão, de mostro.

É importante destacar que apesar de terem sido estimuladas pela professora pesquisadora com perguntas sobre as histórias de que eles não gostavam apenas algumas crianças compreenderam as perguntas e, consecutivamente, poucas eram as que expressavam o que pensavam. As crianças demonstram gostar mais dos Contos de Fadas, Chapeuzinho Vermelho, os Três Porquinhos, ou seja, os clássicos que são muito utilizados no contexto escolar, e disseram não gostar de histórias de bruxa.

Apesar da insuficiência das repostas das crianças e dos desafios que, do meu ponto de vista não foram totalmente superados no que diz respeito ao diálogo com os (as) pequenos (as) no âmbito de realização deste estudo, foi possível perceber que as crianças demonstraram maior predileção pelas seções de contações de histórias cujas narrativas são contos clássicos da literatura infantil.

Esse gosto das crianças pelos contos clássicos se deu também em função das histórias escolhidas para o plano de intervenção, que na grande maioria eram contos extraídos de livros de literatura infantil contidos no acervo pessoal da pesquisadora.

Quando perguntadas sobre quais são as histórias de que menos gostam, as crianças apontam não gostar de alguns personagens como as bruxas ou lobo mau, personagens estes que estão presentes no imaginário coletivo infantil desde a transição da idade média para a modernidade, tal como sugere Àries (1981) e que são cotidianamente reforçados e legitimados como ameaçadores pelos adultos na contemporaneidade.

Entretanto, a partir de tais afirmações, cabe refletir sobre que outras histórias poderiam ser ofertadas às crianças? Será que elas gostariam de ouvir contos populares? Será que elas gostariam também de contos regionais? De lendas? De contos míticos e ou folclóricos? Infelizmente, essas são questões que esta monografia não dá conta de responder. Porém, cabe aos pesquisadores e profissionais de educação infantil investir mais nessas reflexões no sentido de se ampliar o repertório cultural das crianças a partir da realização das seções de

contação de histórias. Histórias essas que fazem parte do acervo cultural humano historicamente acumulado.

2.3. A prática cultural de contar histórias na perspectiva das professoras da UMEI Venda Nova

Partindo do princípio de que o objetivo desta investigação era analisar a perspectiva das crianças sobre a prática de contação de histórias, tornou-se possível e relevante também discutir com as professoras sobre a intervenção realizada, uma vez que, essa prática cultural era pouco realizada na UMEI Venda Nova.

As professoras que participaram da entrevista e da roda de discussão apresentaram ideias importantes sobre a contação de histórias, mostrando que reconhecem a necessidade de se contar histórias para as crianças os benefícios que elas trazem para os ouvintes como o incentivo da leitura, alimentar e desenvolver a imaginação, trabalhar emoções e conflitos, além de demonstrar que fazem uso desse recurso na sala de aula diariamente. Nesse sentido, quando perguntadas sobre os significados da prática de contação de histórias na educação infantil, apontam que essa arte tem um impacto significativo no desenvolvimento da imaginação nas crianças, conforme percebemos nas falas das professoras:

Para mim é despertar nas crianças o gosto pela leitura (Professora 1).

Contar histórias além de alimentar a imaginação, trabalha a concentração (Professora 2).

Contar histórias é desenvolver a imaginação da criança, também trabalhar as emoções, sentimentos, conflitos de maneira prazerosa (Professora 3).

Mais do que isso, as respostas das professoras apontam para a contação de histórias como um recurso pedagógico que permite o acesso não só ao mundo imaginário, mais também atuando no campo afetivo, possibilitando trabalhar conflitos com as crianças de forma prazerosa e mais amena.

Quando indagadas sobre como as crianças reagem aos momentos de contação de histórias no âmbito da educação infantil, as professoras apontam que as crianças demonstram ficar atentas às narrativas:

Sempre atentas e envolvidas (Professora 1).

Logo se sentam no chão em roda e ficam com os olhinhos atentos (Professora 2).

Elas na maioria das vezes prestam muita atenção se envolvem na história, passam a viver o personagem com qual se identifica durante a contação (Professora 3).

Ao longo da intervenção realizada, pude perceber que as crianças não apenas prestam atenção nas narrativas, mas também, interagem com a história buscando ressignificá-la, assim como interagem com a pessoa que a conta. Parece que as professoras olham as crianças, mas não conseguem perceber essa capacidade das crianças de estabelecer relacionamentos com adultos e com as práticas culturais.

Em se tratando do melhor momento da rotina para se realizara prática de contação de histórias, as professoras apontaram respostas diversas:

Isso depende de cada realidade, mas o ideal é quando os alunos estão mais calmos (Professora 1).

Depende da turma, do dia, da história... (Professora 2).

Em minha opinião não tem momento determinado. Para que eles se envolvam depende mais da história e da maneira como ela é contada (Professora 3).

Cabe analisar de modo mais detalhado cada uma das respostas das professoras. O caso da professora 1, não fica claro o porquê de ser mais adequado realizar as contações de história quando as crianças estiverem mais calmas. Do mesmo modo, parece-me vaga a resposta da professora 2. Entretanto, no caso da professora 3, está deixa claro que não há empecilhos quanto ao melhor momento para realizar as contação. Essa professora deixa claro que o sucesso ou o fracasso de uma seção de narração de história depende do nível de envolvimento das crianças com a narrativa, o que por sua vez, está condicionado pela forma como ela é realizada pelo contador.

No que diz respeito à preparação e ou planejamento das contações de histórias, as professoras apresentaram respostas muito parecidas:

Sim, isso se faz necessária para que haja uma interação com as crianças e a história contada (Professora 1).

Assim, procuro ler a história antes e pensar em como ela pode ser “melhor contada” (Professora 2).

Procuro falar sobre a história para despertar o interesse das crianças (Professora 3).

Em suma, torna-se contraditório nos dizeres das professoras a importância dada a contação de histórias, bem como sua aplicabilidade como instrumento pedagógico na educação infantil e a pouca utilização que as mesmas fazem dessa prática cultural no âmbito da educação e dos cuidados destinados às crianças menores de seis anos. Em suma, torna-se relevante o aprofundamento do estudo e do debate acerca dessa prática cultural, para que ela seja utilizada de forma a ampliar o repertório cultural das crianças com as quais convivemos cotidianamente nas instituições de educação infantil de nosso país.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento deste Plano de Ação possibilitou ampliar meus conhecimentos a cerca do tema a contação de histórias na educação infantil, com o objetivo de analisar a perspectiva das crianças sobre a prática de contação de histórias na educação infantil. Através da pesquisa com autores lidos, buscar respostas à pergunta, quais são as perspectivas das crianças de quatro e cinco anos sobre a contação de histórias?

Percebe-se que contar histórias é estímulo para o imaginário, como diz Abramovich, (1997), as histórias são capazes de despertar na criança vários sentimentos como alegria, medo, pavor, insegurança e tantos outros. Autores como Abramovich, (1997), Coelho (1999), Sisto, (2012), e outros permitiram compreender a visão das crianças sobre a contação de histórias no ambiente escolar.

A pesquisa qualitativa possibilitou perceber e observar os dados informados e as várias maneiras de pensar e agir das pessoas envolvidas nesse plano de ação. Ao todo foram 20 crianças sendo 12 meninos e 8 meninas e duas professoras envolvidas na intervenção, na UMEI Venda Nova.

Com o desenvolvimento do Plano de Ação as análises das histórias contadas e das entrevistas com as crianças e as professoras, foram possíveis perceber que a contação de histórias é muito importante para o desenvolvimento integral das crianças da educação infantil.

Percebe-se que as crianças demonstram entrar em contato com as histórias contadas na instituição a partir do modo que elas se portam no momento de contação de histórias, se gostam prestam atenção no conto; Cantam, bate palmas, imitam sons dos animais, ficam atentas às falas e as imagens, responde a pergunta feita ao personagem, pedem para repetir e dão sugestão para o final da história. Quando não são interessantes elas se mostram inquietas, desatentas e não assimilam as ideias do texto.

As crianças demonstraram ao longo do projeto de intervenção, que se apropriaram desse momento, e com o desenrolar da intervenção, ao perceber a chegada da pesquisadora na sala, eles se organizavam no chão ou nas cadeiras e iam logo cantando história, história, agora, agora, e perguntava qual seria a história do dia.

A realização das entrevistas com as professoras possibilitou refletir sobre a prática de contação de histórias na educação infantil. As perguntas realizadas contribuíram para que as professoras pudessem discutir e refletir sobre os efeitos dessa ação de se contar histórias para as crianças diariamente. Além de apresentar ideias importantes sobre a contação de histórias, mostrando que reconhecem a necessidade de se contar histórias para as crianças e os benefícios que elas trazem para os ouvintes como o incentivo da leitura, alimentar e desenvolver a imaginação, trabalhar emoções e conflitos, além de demonstrar que fazem uso desse recurso na sala de aula diariamente.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOCH, Fanny, **Literatura Infantil: gostosuras e bobices**. Scipione, 1997

APARECIDA, Paiva, SOARES, Magda, **Literatura Infantil: Políticas e concepções/** (organizadoras) Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

BALEI, Renata Aparecida, PASCHOA, Sandra Regina Gimenez, NEVES, Edinalva NASCIMENTO, Patrícia Helena Vivan Ribeiro. **O uso de entrevista, observação e videogravação em pesquisa qualitativa**. Matsumoto Pelotas [30]: 187 - 199 janeiro/junho 2008.

BAMBERGER, Richard. **Como incentivar o hábito da leitura** 1987 3. Ed. Editora Ática.

BARROS, Aidil Jesus de Paes, **Fundamentos de metodologia científica**. Afiliada 2000.

BRASIL. **Referencial Curricular Nacional para Educação infantil**: Brasília MEC. Volume 2 Brasília, DF: MEC, 1998

BRASIL. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Volume 3. Brasília, DF: MEC, 1998.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, Brasília 1996.

COELHO, Betty, **Contar Histórias: uma arte sem idade**, 1999, editora Ática São Paulo.

COELHO, Nelly Novais **Literatura Infantil, Teoria, Análise Didática**, 1997 Editora Ática.

FRASER, Márcia tourinho Dantas e GONDIM, Sônia Maria Guedes. **Da Fala do Outro ao Texto Negociado: Discussões Sobre a Entrevista na Pesquisa Qualitativa**. Universidade Federal da Bahia. Paidéia, 2004, 14 (28), 139 -152

GOUVEA, Maria Cristina Soares, **A Criança e a Linguagem: Entre Palavras e coisas**, 2010, p.111a136.

MONTEIRO, Adriana Torres Máximo e CARVALHO, Levindo Diniz. **As Coisas Que Não Tem Nome São Mais Pronunciadas Por Crianças: Culturas Infantis E Produção Simbólica.** Atos de Pesquisa Em Educação-PPGE/FURB ISSSN set/dez.2011.

PHILIPPE, Áries, **História Social da Criança e da Família 1981**>[www.conhecimento.com. Br/livros/educas](http://www.conhecimento.com.br/livros/educas). Acesso 20/11/2013

PROPOSIÇÕES CURRICULARES PARA EDUCAÇÃO INFANTIL, **desafios da formação**, Prefeitura de belo Horizonte (2013).

RITER Caio. **A formação do leitor literário em casa e na escola**, Biruta, São Paulo, 2009.

RODRIGUES, Edvânia Braz Teixeira, ANTUNES, Silmara Ferreira, (orgs), **Contação de Histórias: uma metodologia de incentivo à leitura.** SEE/GO (2007),

SISTO, Celso **textos e pretextos, sobre a arte de contar histórias**, Aletria 2012.

VILELA, Maria do Rosário Moura, **Um olhar para a literatura infantil**, revista trilhas da infância, prefeitura municipal de contagem, pág. 22.

ZILBERMAN, Regina, **Livros e leitura entre professores e alunos**, Leituras, 2006 2 edição junho 2008.